

/// col. MAD MAX ///

# MAX BLECHER

DON JAZZ E OUTRAS ESTÓRIAS  
TRADUÇÃO E POSFÁCIO FERNANDO KLABIN



**/// col. MAD MAX ///**  
**MAX BLECHER**  
**DON JAZZ E OUTRAS ESTÓRIAS**  
**TRADUÇÃO E POSFÁCIO FERNANDO KLABIN**

2021©Zazie Edições  
2021©Fernando Klabin

# col. MAD MAX

COLEÇÃO MAD MAX

TÍTULOS ORIGINAIS

*Ioniță Cubiță* | *Don Jazz* | *Ix-Mix-Fix* | *Jenică* | *Herrant* | *Berck, orașul damnaților*

TRADUÇÃO DO ROMENO

Fernando Klabin

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Laura Erber

EDITORA

Laura Erber

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO

Denise Pessoa Ribas

PROJETO GRÁFICO E EXECUÇÃO

Maria Cristaldi

Bibliotek.dk

Dansk bogfortegnelse-Dinamarca

ISBN 978-87-93530-92-8

*O texto “Berck, a cidade dos malditos” foi anteriormente publicado no volume “Corações cicatrizados” pela editora Carambaia (São Paulo, 2016). “Berck, a cidade dos malditos”, “Don Jazz” e “Joãozinho Cubinho” integraram o décimo número da (n.t.) Revista Literária em Tradução (Florianópolis, 2015). Agradecemos aos respectivos editores, Graziella Beting e Gleiton Lentz, pela cessão dos direitos de publicação.*

Zazie Edições

[www.zazie.com.br](http://www.zazie.com.br)

## SUMÁRIO

Joãozinho Cubinho	05
Don Jazz	10
lx-mix-fix	13
Jenică	16
Herrant	19
Berck, a cidade dos malditos	21
Posfácio: Max Blecher, o meteoro paralisado	30



## JOÃOZINHO CUBINHO

Aquela pracinha se perdera na cidade “como uma folha de papel branca, imaculada, entre páginas amareladas” e rabiscadas de uma pasta velha. Era um quadrado liso e nítido em meio a casas feias e pretejadadas. Alguns poucos edifícios o separavam da prefeitura, e os garis da cidade, quando iam para o trabalho de manhã, jamais se esqueciam de varrer várias vezes aquele asfalto luzidio. Vinham um após outro, e, mesmo que a pracinha tivesse sido varrida dois minutos antes, ninguém deixava de ir embora sem alisá-la mais uma vez com o vassourão, assim como crianças que têm um botão de latão no bolso e o tiram e o embaçam com o hálito e o esfregam na roupa para lhe dar brilho e o embaçam de novo e o esfregam na roupa de novo e de novo olham para ele e de novo lhe dão brilho...

Gostava de brincar com meus colegas naquela pracinha. As bolas deslizavam no asfalto com uma precisão extraordinária; era um lugar para jogos elitistas: bolas, botões e *tintar*; nada da *țurca* nem da porca da periferia.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Nomes de antigas brincadeiras infantis conhecidas do autor, provavelmente típicas da região romena da Moldávia. [N. T.]

Ali brincávamos também de cavalaria francesa, em que os garotos cavalgavam um em cima do outro e púnhamos, não sei por quê, os bonés ao contrário.

Sombra e silêncio reinavam o dia todo na pracinha. Podíamos traquinar à vontade, ninguém dizia nada. Ao contrário, moravam por ali pessoas que também gostavam de brincar como crianças: assim era Joãozinho Cubinho.

Ele tinha uma panificadora bem na ponta da praça, e na placa estava escrito bastante nítido PADARIA JOÃO CUBINHO, mas todos o chamavam de Joãozinho Cubinho por causa daquela necessidade anônima e popular de prosódia que jaz na alma das multidões (“faça o bem sem olhar a quem”).

Era pequeno, gordo e glabro, com alguns fios loiros de barba no queixo, tão rarefeitos e frágeis que pareciam ter crescido sabe lá em que estufa, ao abrigo da luz, sendo em seguida aplicados ao rosto. Usava óculos de armação fina de ouro, extremamente distintos, os mais distintos óculos da cidade. Um padeiro distinto: com anéis nos dedos, uma corrente grossa de ouro no colete, ficava o dia todo no caixa protegendo a féria ou sentado na cadeira diante da loja, respirando ar puro.

Sua ocupação mais ativa e interessante era interpelar na rua os alunos que voltavam da escola e dar-lhes um peteleco no pescoço, bem na goela, fazendo-os sentir uma dor intensa e como que um vazio no peito...

Joãozinho Cubinho nutria ainda outra atividade, tão séria quanto aquela: apanhar os cachorros que via na rua e enfiar-lhes tabaco pelas fuças.

Segurava o cachorro do seu lado, acariciava-o devagar na cabeça, coçava-o atrás da orelha para, em seguida, deslizar com prudência a mão pelo focinho e entupir-lhe as narinas com tabaco verde. O cachorro saía correndo, espirrando terrivelmente e girando ao redor de si com o rabo entre as pernas, uivando de ardência.



Tudo isso costumava acontecer na pracinha, que funcionava como um palco natural; nós, crianças, ficávamos em volta e ríamos para agradar seu Joãozinho Cubinho, que estava longe de desprezar aquele tipo de popularidade.

Certo dia ele nos surpreendeu a valer, e acho que aquele acontecimento habitou por muito tempo os sonhos atormentados das crianças que participaram.

Joãozinho Cubinho capturou um rato numa armadilha e o levou para o meio da praça.

Todas as crianças saíram correndo atrás dele na mesma hora, antevendo uma ótima diversão. De fato, Joãozinho Cubinho fitou-nos com satisfação e disse:

– Olhem para ele! É um simples rato, mas sabe dançar o foxtrote... Querem ver como ele dança o foxtrote?...

– Siiim!... – respondemos todos, em coro.

(E algumas crianças se puseram a pronunciar baixinho “foxtrote, foxtrote”, palavra misteriosa, bizarra, que ouviam pela primeira vez.)

Seu Cubinho pôs a armadilha no asfalto e proibiu-nos de encostar nela. Em seguida, entrou na loja e trouxe um frasco de querosene. Até hoje parece que o vejo diante de mim, voltando da padaria, com as pernas curtas e grossas num andar titubeante, o frasco de querosene na mão.

Derramou o querosene em cima do pobre animal, tirou do bolso uma caixa de fósforos e acendeu o fogo, abrindo com agilidade a portinha da armadilha.

O rato, numa labareda cheia de fumaça, fugiu às pressas, primeiro rolando, depois se erguendo em duas patas, pulando frenético.

– Então, garotos, estão vendo como ele sabe dançar o foxtrote? Olhem como ele faz... – disse Joãozinho Cubinho, os óculos bailando de alegria sobre o nariz, enquanto a papada saltava radiosa. Com palmas moles e gorduchas, Joãozinho Cubinho marcava o ritmo.

Enquanto se incendiava terrivelmente, o rato emitia uivos longos e lancinantes. Enfim seu corpo encolheu e transformou-se num montículo de carne, ardendo numa chama pálida. O fedor de gordura e pele frita tomou toda a pracinha. As crianças se aproximaram e cutucaram as cinzas.

Esse era Joãozinho Cubinho: um homem baixo, gordo, de olhos azuis meio arregalados por trás dos óculos de armação de ouro e com muitos anéis nos dedos.

Recordo que, dois ou três dias depois de o rato pegar fogo, um garoto mais velho nos mandou, a mim e a um pequenote, ir até a padaria perguntar ao seu Joãozinho Cubinho se ele não planejava queimar mais ratos.

O pequenote aproximou-se da mesa em que estava o padeiro e, olhando-o bem nos olhos, disse:

– Seu Antohi me mandou aqui para perguntar se o senhor não tem mais ratos para queimar.

Joãozinho Cubinho arrumou os óculos no nariz e respondeu com vagar e clareza, acentuando cada palavra:

– Vá para a p... que te pariu.

Esse era Joãozinho Cubinho.

Certo dia, ele sumiu. Com precisão de informações que só as crianças detêm, acabaram descobrindo que estava doente, com câncer no fígado, e por isso sua barriga inchava tanto que estava prestes a explodir.

Por algum tempo ninguém mais falou dele, até o dia em que ficaram sabendo que morrera.

De fato, a padaria baixou as persianas, e uma grande agitação tomou conta do lugar. Parentes e conhecidos chegavam de toda parte, mas não se ouviu nenhum choro, nenhum gemido. O funeral teve início numa tarde de verão. Pães trançados em forma de oito precediam o carro fúnebre, pães dourados e sedosos, como tranças de moça, dispostos numa bandeja.<sup>2</sup>

No cemitério, ocorreu algo inesperado. Quando o caixão foi levado ao pé da cova, o padre pediu que abrissem a tampa. A família queria que ele fosse enterrado de tampa fechada, mas o padre insistiu. O sol brilhava com força no céu. Abriram a tampa. Dentro do caixão, jazia amarelo, impressionantemente esquelético, Joãozinho Cubinho, num terno preto de noivo, com uma guirlanda prateada atravessando as casas do paletó.

E enquanto o padre o borrifava com água benta, as pessoas, não sei como, se moveram, e então a luz do sol incidiu sobre o cadáver; de repente, o rosto do morto começou a escurecer e num instante ficou preto como carvão.

Cobriram-no rápido e o enterraram.

Pois então, esse foi Joãozinho Cubinho.

## DON JAZZ

Seu nome de verdade nem eu sabia. Don Jazz era, claro, um apelido.

Don Jazz era o espanhol alto e azeitonado que sempre vinha, depois do jantar, até o refeitório dos doentes nos contar coisas extraordinárias dos espetáculos de *music hall* de Paris, ou mostrar um lenço adquirido “*très bon marché, n’est-ce pas?*”<sup>3</sup> um dia antes.

Na primeira vez que veio, ele nos falou de Buenos Aires, onde era advogado. Contou muitas coisas que já sabíamos dos livros:

– Sabe, em Buenos Aires... as mulheres... entende... têm salas de espera para os clientes... entende, não, faço questão de explicar... como os médicos e os dentistas. A madame, a patroa, enfim, sabe quem... de vez em quando entra e pergunta quem é o próximo...

Isso era puro Albert Londres.<sup>4</sup>

O que mais me surpreendeu em Don Jazz foi, em primeiro lugar, a abundância de “entende”, o pudor que se

---

<sup>3</sup> Em francês no original: “Bem baratinho, não é mesmo?”. [N. T.]

<sup>4</sup> Referência ao célebre e incansável jornalista francês Albert Londres (1884-1932), considerado um dos criadores do jornalismo investigativo. [N. T.]

escondia, de maneira inverossímil, naquele corpanzil de animal mimado como uma flor dentro de um tonel, e depois as contradições que existiam entre seus diversos componentes físicos e anímicos.

(Sua tosse, por exemplo, contradizia o espirro. Era séria, cheia de dogmas e de experiência, uma tosse de gente ponderada.

O espirro era infantil, cômico e, com o passar do tempo, inadequado). Mais até. Tinha órgãos que se negavam ou que brigavam entre si.

Não fosse monobloco o nosso espanhol, as ações de seus diversos órgãos formariam uma série infinda de assassinatos íntimos.

É inútil acrescentar que seu gesto contradizia a fala. Lembro-me, quanto a isso, do modo como ele nos confessou, certo dia, não suportar meias xadrez: levou a cabeça à frente, como se oprimida por um fardo súbito e pesado, abriu nervosamente a palma da mão com todos os dedos crispados, e o corpo todo assumiu a forma de um ponto de interrogação.

– São manias... curioso... não é mesmo?... manias...

Pelo gesto, meias xadrez faziam parte, para ele, da série de incógnitas de ordem metapsíquica que nos impõem uma ética de vida interior ou o modo como devemos palitar os dentes. Elas se aparentavam íntima e diretamente, noutro sentido, com o Céu, a Tempestade, a Transparência, a Célula e o Arsênico.

A fala, porém, como bem viram, era modesta.

O gesto, diante da fala, era como um poste diante de uma prece e vice-versa.

Don Jazz morreu devido a uma contradição de natureza geométrica na qual, é claro, ele desempenhou o papel principal.

Eis como foi: seu cérebro tecia um pensamento sobre a lua, um pensamento pontudo, fino e vertical, pois,

como todos sabemos, a lua está lá em cima e não em derredor; senão não seria lua, mas uma espécie de tremor de terra.

A mão tecia um pensamento horizontal, ilustrado, por acaso, com um revólver. O projétil, portanto, partiu horizontalmente de uma têmpora à outra, encontrou o pensamento vertical e, no cruzamento deles, Don Jazz morreu.

Os médicos não foram capazes de desenredar esse sistema de perpendiculares.

*Berck Plage, agosto de 1929*

## IX-MIX-FIX

*Para Marie,  
à guisa de diversão funambulesca*

### I

O pão de cada dia era feito de letras, não de farinha. Cada pão continha um romance inteiro de Zola. Na superfície de um bocado li um episódio contendo pavorosas catástrofes ferroviárias.

O conde também comia do mesmo pão, porém fatias mais finas e, por assim dizer, quase anônimas.

O conde tinha a sola dos pés pintada de vermelho (ficava descalço, embora vestisse um decente par de calças de caçador), usava na cabeça uma touca com cartões-postais do Brasil e numa das mãos segurava um lírio-negro, desmesuradamente intimidante.

O conde se orgulhava de não permitir nenhum tipo de intimidade com ninguém.

– Olho sempre de cima, evasivo, e nunca a menos de trinta e quatro metros.

– Trinta e três para os empregados domésticos – disse eu, malicioso.

– Jamais. Lançam-me voando de longe as xícaras de café; não posso me comprometer, sou conde por parte de pai e de mãe.<sup>5</sup>

Enquanto conversávamos, os acrobatas desmontaram os varões das cortinas e com eles instalaram trapézios no meio da rua. Através da janela melada de sabonete, a rua se apresentou a mim envolta em neblina e mais inútil do que nunca. No nevoeiro, os trapézios de níquel cintilavam com brilhos estranhos e meio desbotados, como peixes prateados num tanque de água suja.

## II

Voava por salas caóticas com paredes de nuvens esbugalhadas e doentes. Deixava-me agarrar por entranhas róseas de metades de cães viajantes, com os dedos enfiados nelas. Minhas pernas, demasiado compridas, encostavam no chão metálico e, nessa corrida maluca, faíscas de um metro de comprimento brotavam da sola dos meus pés. A solidão me perseguia num outro voo, com uma melancolia mais pungente e afiada: já não sabia se a velocidade era carne ou era alma.

As entranhas do cachorro derreteram no caminho e se transformaram nas coxas de uma estátua de mulher, mas a matéria marmórea também não durou muito e logo adquiriu maciezas de pele de verdade, com um morno perfume humano nas panturrilhas de meias finas, bordadas com grinaldas e cabeças de leão.

## III

Diante da minha cama, o teatro de papagaios concluiu a última peça com grande tumulto. Quis encostar o pé nelas para os acariciar, mas o quarto estava cheio de água,

---

<sup>5</sup> Impossibilidade do ponto de vista heráldico; era evidente que eu estava diante de um falso conde.



e eu, num canto, era um pedaço de madeira velha, com rendas de putrefação.

O poeta – alto, ereto, negro – apareceu por trás do teatro e, abrindo a capa, mostrou-me no peito um leque de seda vermelha.

Enquanto isso, as pernas da mesa do quarto subitamente se alongaram.

Virei a cabeça.

No meio do quarto, quatro colunas delgadas de madeira se erguiam até o teto. Entre elas, num fio de teia de aranha, dependurava-se um laço de fita azul, um laço de aluna do primário, balançando de leve no ar para me indicar, de maneira demente porém correta, sua rigorosa irrealdade.

## JENICĂ

Meu vizinho da cama da esquerda é olteno<sup>6</sup> e poeta. Guarda escondido embaixo do travesseiro um canivete e um caderno de poesias. O médico lhe prometeu que no dia em que completar doze anos ele vai se levantar e caminhar. Jenică anotou cuidadosamente em sua “agenda” a data exata e, imobilizado pelo gesso, como um passarinho apertado na palma da mão, ele aguarda...

...Fica de cabeça um pouco inclinada, apoiada na mão, de cenho franzido, fitando o mar... Ele conhece o número exato de navios que passam por Constança<sup>7</sup> diariamente, bem como o dos navios que rumam para Constantinopla; reconhece “aquele americano que solta fumaça por todas as chaminés” e avisa os vizinhos, todo sabido, sempre que passa um navio de guerra – que ele, conforme os canhões e torres, classifica como cruzador, torpedeiro, contratorpedeiro ou canhoneira.

- Você gostaria de viajar de navio, Jenică?
- Gostaria, claro que sim...
- Com “aquele americano”?

---

<sup>6</sup> Natural da Oltênia, no sudoeste da Romênia. [N. T.]

<sup>7</sup> Principal cidade portuária romena, no mar Negro. [N. T.]

- Não, sozinho num barco, como Alain Gerbault.<sup>8</sup>
- Como é que é?
- Como Alain Gerbault.
- Mas onde é que você ouviu falar dele?
- No jornal.

Foi também pelo jornal que ele soube de uma revolução em Havana e da instalação de uma estação de rádio na ilha de Maiorca.

Sua curiosidade é visivelmente estética e exótica: ele se interessa só por acontecimentos em ilhas distantes e de nomes sonoros.

Certa vez perguntou-me se na ilha do Taiti havia um sanatório para tuberculose óssea e, se não, “onde vão se tratar as crianças papuas”.

Sua pergunta faz todo o sentido; Jenică seria capaz de oferecer o canivete escondido embaixo do travesseiro para quem lhe trouxesse como vizinho de tratamento um pequeno papua de avental na barriga, cabelo encaçolado e anel de ouro no nariz.

Ele só me confiou o caderno de poesias depois de termos ficado mais amigos, mas “em segredo”, e só depois de eu prometer não contar o que estava escrito ali “a ninguém, nem mesmo ao vento”.

Por isso não vou transcrever aqui os poemas de Jenică; isso é um “segredo”; posso dizer, porém, que seus temas são simples, coloridos e perfumados. Jenică descreve o céu, o mar e o galanto.

O sentimento íntimo do poeta diante dessa delicada flor se expressa com pureza e inocência, mais ou menos assim:

Que grande prazer fitá-la.

---

<sup>8</sup> O francês Alain Gerbault (1893-1941) realizou, na década de 1920, a terceira circum-navegação solitária da história. [N. T.]

E a constatação da paisagem marinha atinge os limites do evidente:

No mar, calma plena.  
Nuvens no horizonte apenas.

Mas o caderno também tem inquietantes tendências modernistas. Sem saber, Jenică é dadaísta, contudo: seu dadaísmo tem a ver com a diversidade sutil e admirável do sonho. Um de seus contos alucinantes se intitula “O cavalo azul e o transatlântico suíço”.

Cito apenas o episódio do encontro:

O cavalo estava dirigindo um barco a motor, mas, ao ver que avançava muito devagar, pulou e saiu correndo pela superfície da água, mordendo a ponta do mastro de tal maneira que ficou com a hélice do navio na boca.

E o do milagre:

Ao olhar para baixo, viu que sua cabeça se transformara em quatro pernas, duas asas e uma cauda, e que agora voava sozinho pelo ar.

Nem o profeta Ezequiel teve visões tão belas!

Mas não vou contar mais nada. Todo dia Jenică escreve uma obra-prima em nova página; se os editores soubessem, viriam correndo comprar seus manuscritos, oferecendo-lhe glória e dinheiro.

Jenică não tem necessidade disso, ele precisa de descanso e do ar puro do mar. Para curar-se e ir embora sozinho para a Polinésia, num barco de velas imensas.

## HERRANT

Antes de conhecer Herrant, jamais tinha ouvido falar daquela história do raio verde. Embora tivesse sido o professor de anatomia artística que lhe contara, ele afirmava ter intuído sua existência muito antes de conhecê-la. Dizem que a pitada de sal que o padre colocou na língua dele poucos dias após seu nascimento era verde e brilhava de maneira estranha. E não a intuía por ter boa memória – tal coisa aliás nem seria possível para um recém-nascido –, mas porque o sal deve ter-lhe modificado as células da língua, imprimindo-lhes, mais tarde, reflexos verdes.

Aos dezessete anos, quando soube do raio, o gosto salgado invadiu sua língua e falou com ele com a clareza de uma letra.

Nós dois aguardávamos, deitados na charrete<sup>9</sup> em cima do dique, o raio verde.

O sol ficou vermelho, cada vez mais vermelho.

Depois começou a se achatar.

---

<sup>9</sup> Os personagens sofrem de tuberculose óssea e se encontram imóveis no leito, deslocando-se em carrinhos puxados por cavalos, como bem observa o tradutor espanhol Joaquín Garrigós. [N. T.]

E de repente, na nuvem branca, o raio verde começou a correr claramente, veloz e sozinho, até os confins do céu.

Era um verde tão intenso e tão puro que poderia fazer parte do suplemento em velino dos manuais de física.

– Herrant – gritei –, Herrant, o raio verde!

Silêncio.

– Herrant!

Peguei o espelho a fim de olhar para Herrant.<sup>10</sup> O egípcio dormia. Era inútil despertá-lo. O raio verde estava longe no espaço, viajando na direção de outro Herrant, que, doente há oito anos, com certeza também esperava vê-lo para formular, naquele momento, seu maior desejo.

Herrant tencionava gritar – para estar mais seguro de seu pensamento e de seu desejo:

– Quero me erguer, andar.

Voltaremos amanhã para espreitar o raio.

*Berck Plage*

---

<sup>10</sup> Tendo em vista sua imobilidade, os doentes utilizavam espelhos giratórios para ver o que se passava ao redor, segundo o tradutor mencionado. [N. T.]

## BERCK, A CIDADE DOS MALDITOS<sup>11</sup>

Na estrada de ferro Paris-Boulogne, há uma estação em que todos os trens ficam parados um minuto a mais. Trata-se de Rang-du-Fliers, estação ferroviária de ligação com Berck.

O viajante desprevenido, que esfrega os olhos sonolentos antes de lançar um olhar pela janela do vagão, vê-se, de súbito, diante de um pesadelo.

Acostumado a assistir, em todas as estações, ao conhecido vaivém dos passageiros que sobem e descem apressados as escadas do trem, ali ele é capaz de observar enfermeiros e carregadores retirando de dentro dos vagões, com precauções infinitas, macas com doentes cadavéricos. Aleijados andando de muletas e raquíticos desesperadamente agarrados ao braço firme do acompanhante. São os peregrinos de Berck, cidade-sanatório, a cidade mais impressionante do mundo. Meca da tuberculose óssea.

Toda essa gente se senta num trem tão pequeno que parece de brinquedo, com uma locomotiva que mais se

---

<sup>11</sup> Artigo publicado na revista romena *Vremea*, ano VII, n. 358. Bucareste, 7 out. 1934, pp. 9-11. [N. T.]

assemelha a um camelo e que se põe vagarosamente em movimento, ofega ruidosa e solta muita fumaça – fumaça demais para a distância de cinco quilômetros que percorre. É o famoso *tortillard*, o trenzinho rumo a Berck, sempre abarrotado de doentes e seus familiares.

Durante o trajeto, só se fala, é claro, de doença, doentes, curas e tratamentos. Creio eu que nesse trenzinho se discute mais patologia do que em todas as academias de medicina juntas.

O viajante previamente iniciado, consciente de que em Berck jazem cinco mil doentes imobilizados em gesso, de qualquer modo espera ver, por toda a parte, desde os primeiros momentos em que adentra a cidade, sinais reveladores dessa singular e triste característica. Fica bastante admirado ao desembarcar numa cidadezinha de interior banal, com uma *avenue de la Gare* idêntica à de todas as cidadezinhas interioranas francesas, com uma rua comercial banal, com gente andando atrás de dinheiro como em qualquer outro lugar, com casas antigas e fora de moda que de longe exalam mofo e um cheiro de guardado.

O contato com a verdadeira fisionomia de Berck se dá, porém, bruscamente, numa esquina qualquer, no momento em que surge a primeira charrete de doente. A impressão causa certo estupor.

Imaginem uma espécie de landau retangular, dotado de um toldo na parte traseira, uma espécie de baú, uma espécie de barco sobre rodas em que uma pessoa jaz enfaixada em cobertores e conduz o cavalo. Achariam talvez que se tratasse de alguém sentado muitíssimo inclinado numa charrete, numa posição confortável e de certo modo normal. Não. O doente está completamente deitado numa moldura de madeira instalada na charrete, olhando estritamente para cima e para nenhum outro lugar. Ele não vira a cabeça para a direita nem para a esquerda, não a ergue, não a move: olha fixo para cima,



para um espelho preso a um suporte que pode ser movido em todas as direções. A charrete anda para a frente, vira uma esquina, evita uma criança, para diante de uma loja, e seu condutor mantém o tempo todo o olhar perdido nas alturas, enquanto as mãos puxam as rédeas para um lado e para o outro com os mesmos gestos do cego que avança nas próprias trevas. Na fixidez desse olhar no espelho, há algo triste e irreal, algo que, na verdade, se assemelha ao andar dos cegos que tateiam febris a calçada com a bengala enquanto seus olhos brancos ficam vagos o indefinido.

O doente da charrete, porém, está vestido direitinho, de paletó aberto, gravata, lenço branco no bolso superior e luvas.

Quem seria capaz de imaginar que ele, debaixo da camisa, está usando uma carapaça de gesso, verdadeira armadilha hermética sob medida, cota de malha rígida e branca que talvez não tenha sido removida nos últimos três meses?

### *Algo sobre o gesso*

...Pois Berck é a cidade da imobilidade e do gesso. Aqui chegam, de todos os cantos do mundo, ossos quebrados e roídos para ser endireitados e consolidados. Gibosidades que deformam a coluna vertebral em ondulações serpentinadas, articulações destramadas, vértebras cariadas, dedos retorcidos, cotovelos deslocados, pernas tortas – todos confiam no milagre do gesso. O gesso fixa, endireita, solda. Em Berck, o gesso é a matéria-prima típica da cidade, assim como o aço em Creuzot, o carvão em Liverpool e o petróleo em Baku.

Há gessos que apertam só um dedo e outros que embrulham o corpo todo. Há gessos que se parecem com calhas, dos quais o doente sai quando quer, e outros, fechados hermeticamente, que revestem o corpo meses a fio. Esses são os mais terríveis. Além da tortura do gesso

que seca diretamente no corpo enquanto o doente jaz por três dias numa espécie de lodaçal frio e opressor, ele ainda deverá sofrer, ao longo de alguns meses, o suplício da impossibilidade de se lavar. Como é fácil compreender, forma-se, na pele, nesse meio-tempo, uma grossa camada de sujeira que a irrita com coceiras e ardências infernais. Tais gessos fechados são, hoje em dia, porém, cada vez mais raros.

### *Uma cidade horizontal*

Num guia em formato de brochura que se pode comprar na primeira livraria que apareça pela frente, lê-se que Berck ocupa, no litoral do canal da Mancha, uma posição perfeitamente excepcional, graças ao golfo Authie, que conduz as correntes marinhas de uma maneira que favorece o lugar.

Descobre-se, ainda, que em Berck o ar é formidavelmente limpo, extraordinariamente puro, o ar mais puro do mundo, com apenas quatro bactérias por metro cúbico, enquanto o ar de Paris contém mais de novecentas mil. Para um doente que vai em busca de saúde e sabe que terá de ficar anos a fio em Berck, o índice não é nada desprezível.

Posso afirmar, contudo, que nenhum, absolutamente nenhum dos cinco mil doentes em Berck veio até ali atraído pela publicidade das correntes marinhas ou da pureza do ar.

O mistério dessa multidão de doentes é outro: em Berck, os enfermos, os aleijados, os paráliticos, os deserdados da vida, os que em outros lugares vivem como verdadeiros párias da sociedade, escondidos pela família, encerrados em quartos insalubres, profundamente humilhados pela vida que se desenrola desafiadora em torno deles, em Berck eles voltam a ser pessoas normais.

Têm a sua disposição toda uma cidade, organizada de maneira a lhes oferecer a mais normal das vidas pos-

síveis, mesmo se mantendodeitados e sem interromper o tratamento por um instante sequer.

Deitados, eles vão ao cinema; deitados, passeiam de charrete; deitados, frequentam festas; deitados, comparecem a conferências; deitados, eles se visitam.

Seus carrinhos podem entrar em qualquer casa de Berck, qualquer restaurante, qualquer loja: em Berck, nenhuma casa tem soleira. Ali a vida se curvou noventa graus, transformando-se numa vida horizontal que provou ser perfeitamente possível.

Nos grandes hotéis, cujos quartos nada têm de diferente de outros quartos de hotel, há também refeitórios para os doentes, onde são transportados de carrinho até as mesas.

O aspecto de tais refeitórios é ao mesmo tempo estranho e faustoso. Faustoso porque se assemelha a um festim romano em que todos os convivas estão deitados, e estranho porque o palor doentio dos comensais remete a não sei qual alucinante novela de Edgar Allan Poe.

O espetáculo mais inusitado, talvez, ocorre no verão, quando os doentes, na praia, veem-se rodeados por belas mulheres, com as quais flertam. Flertes nem sempre inocentes. Já foi dito aqui que os doentes vão a Berck para voltar a ser pessoas normais...

Há também, com certeza, dramas e horrendas depressões da alma. Em Berck, porém, isso raramente termina em tragédia. No inverno passado, dois apaixonados – uma exaltada e um doente incurável – suicidaram-se debaixo da cruz de um calvário na cidade. O caso fez sensação, e os repórteres parisienses compuseram pomposos artigos sobre as tragédias de Berck. A verdade, contudo, é que tais casos são totalmente excepcionais.

No ritmo absorvente da vida quase normal que ali levam, os doentes suportam com leveza sua desgraça.

É o milagre moral de Berck.

### *O que é uma goteira?*

Os passeios de charrete são uma verdadeira redenção para os doentes.

Trata-se, entretanto, de uma redenção cara e luxuosa. Em Berck, os doentes pagam de vinte e cinco a trinta francos por algumas horas de charrete. A municipalidade, para o grande pesar dos doentes e dos visitantes, jamais interveio no sentido de regulamentar os valores do aluguel. Os doentes pagam, assim, na nossa moeda, quase cinquenta leus<sup>12</sup> por hora, ou seja, tanto quanto custaria o consumo de gasolina de um esplêndido automóvel. Em Berck, a charrete a cavalo, como se vê, corresponde aproximadamente ao luxo de possuir um Rolls-Royce.

Em tais condições, os benefícios do ar marinho e o prazer dos passeios se reservariam exclusivamente a um número restrito de privilegiados, caso Berck também não oferecesse uma redenção aos depauperados, que se chama goteira. A goteira é uma invenção que transforma um doente numa pessoa sadia. Ela acumula as funções de cama, charrete e pernas. A goteira é um carrinho de quatro grandes rodas de borracha, dotado de um chassi na medida exata do corpo, sobre o qual o doente fica deitado, com molas fortes entre o chassi e as rodas, que amortecem quaisquer choques ou asperezas do trajeto.

Nos sanatórios para doentes desprovidos de meios materiais, em que os salões são coletivos e os pacientes ficam em camas, a goteira só é utilizada para passeios à beira-mar. Em certos hotéis e residências particulares, porém, o doente jamais sai da goteira. Ele dorme nela, come nela, sai nela para passear.

Dentro do quarto, se deixar os braços pendidos, o doente é capaz de conduzir as rodas em todas as dire-

ções. Vi pacientes se movendo dessa maneira até as estantes da biblioteca para retirar um livro ou passeando sozinhos pelos corredores.

Quando um doente precisa fazer compras no centro, telefona-se imediatamente para um sanatório nas proximidades, e então um ex-paciente ou convalescente chega para empurrar a goteira até a cidade.

Por esse trabalho, cobram-se cinco francos. Uma pessoa em Berck é mais barata que um cavalo, e realiza quase o mesmo serviço.

### *Hotéis e sanatórios*

O folheto promocional sobre Berck diz com clareza: “Há em Berck instituições que cuidam de doentes para todos os bolsos”. Isso é perfeitamente verdadeiro. A diferença, porém, entre um hotel *up-to-date* e um sanatório “a preços reduzidos” é quase a mesma que há entre um senhor bem-vestido com roupas *gris-cendré* e flor na bocheira e um mendigo esfarrapado que lhe estende a mão pedindo esmola.

Todos os grandes hotéis de Berck têm esplêndidos gramados floridos, quadras de tênis, elevadores e água corrente. Todos os sanatórios “a preços reduzidos” têm paredes úmidas, corredores fétidos e assoalhos imundos. A diferença de tratamento moral e clínico nessas duas categorias de instituição corresponde em sua totalidade ao aspecto exterior. Constituem exceção – e uma exceção bastante honrosa – dois grandes hospitais para pobres em Berck, organizados de maneira admirável e muito honesta. Trata-se do Hospital Marítimo, que pertence à assistência pública de Paris, e do Hospital Franco-Americano, obra beneficente. A desgraça, porém, é que no primeiro só são aceitos parisienses e no segundo as vagas são pouquíssimas. O doente desprovido de meios materiais, na impossibilidade de internar-se em uma dessas instituições, torna-se fatal-

mente vítima de empresários dos sanatórios “a preços reduzidos”.

*Berck, a cidade dos malditos*

Cinco mil doentes de tuberculose óssea jazem em Berck, imobilizados no gesso, no aguardo da cura. Essa horrenda doença tem predileção pelas articulações – vértebras, quadris, joelhos –, e a articulação, uma vez atacada, deve ser de imediato imobilizada. Cinco mil doentes jazem deitados em camas e carrinhos, perdidos em devaneios, mergulhados em leituras sem fim, desmaterializados na contemplação infinita da imensidão do oceano.

A cura chega devagar, terrivelmente devagar, mas chega. Hoje em dia, atinge proporções jamais esperadas. Ao longo dos cinquenta anos de existência de Berck, graças a uma organização terapêutica racional e constantemente aperfeiçoada, logrou-se diminuir a mortalidade da tuberculose óssea de oitenta por cento, no século passado, para cinco por cento; é um resultado ímpar nos anais da medicina.

Ademais, em Berck os pacientes levam uma vida normal, e a maldição do terrível constrangimento físico ao qual são submetidos parece mais suportável em meio a uma comunidade de casos quase idênticos.

Visões impressionantes, todavia, não faltam. Desde o embarque dos doentes nas charretes, que muito se assemelha à entrada dos caixões nos carros fúnebres (tanto a charrete quanto o carro fúnebre possuem um rolo sobre o qual o chassi do paciente desliza para dentro), até o espetáculo dos enfermos que, banhados em suor, tricotam sob o sol para ganhar um dinheirinho dos turistas, a cidade está repleta de cenas dramáticas e impressionantes. Não vi, porém, nada mais dilacerante, mais profundamente humano e mais triste do que a liturgia de Natal em Berck.

Os católicos comemoram, à meia-noite, na igreja, a vinda ao mundo do menino Jesus.

Nada mais impressionante do que a emoção extraordinária dos doentes e sua palidez extática, à meia-noite, no silêncio solene da igreja.

Aqui e ali, uma mãe ou um parente cobre com o lenço seu choro dilacerante, enquanto o padre distribui a sagrada comunhão aos doentes – transfigurados e trêmulos ao receber a graça divina.

No momento da “elevação”, quando todos os fiéis se ajoelham, os doentes apenas levam as mãos aos olhos.

O silêncio na igreja, então, fica mais profundo, mais esmagador, enquanto lá fora as rajadas da chuva atingem as tábuas das casas e o vento uiva uma melopeia sinistra, como um clamor de todos os malditos do mundo, como um pranto universal e perturbador.

POSFÁCIO

## MAX BLECHER, O METEORO PARALISADO

Max Blecher é mais um daqueles casos de passagem meteórica em que a tragédia pessoal se mistura a uma genialidade artística que, em geral, só é reconhecida postumamente, levantando questões sobre o que ainda nos poderia ter sido legado não fosse a morte prematura.

Após dez anos de vida criativa, que coincidem com seus dez últimos anos de vida e com os dez anos de imobilização no leito devido ao mal de Pott, doença implacável para a qual naquela época não havia cura, o autor romeno, assíduo assinante das melhores revistas vanguardistas francesas, deixou três romances,<sup>13</sup> uma coletânea de poemas,<sup>14</sup> escritos breves e esparsos e desenhos, além de uma consistente correspondência, travada sobretudo com figuras do modernismo literário romeno.

---

<sup>13</sup> *Acontecimentos na irrealidade imediata*. Trad. Fernando Klabin. São Paulo: Cosac Naify, 2013. *Corações cicatrizados*. Trad. Fernando Klabin. São Paulo: Carambaia, 2016. O volume inclui o conto "Berck, a cidade dos mal-ditos". *Vizuina luminată*. Bucareste: Cartea Românească, 1971.

<sup>14</sup> *Corpo transparente*. Trad. Fernando Klabin. São Paulo: Benfazeja, 2016.



Graças principalmente aos esforços do professor Doris Mironescu, da Universidade de Iași, a quem se deve a publicação crítica<sup>15</sup> de sua *opera integra*, a obra e a memória de Blecher, abafadas por quatro décadas de ditadura comunista, vêm sendo resgatadas e alçadas a sua posição de direito tanto dentro como fora da Romênia. Objeto de um crescente número de ensaios, hoje Blecher já pode ser lido diretamente numa panóplia de idiomas, inclusive o esperanto, o que lhe tem rendido incontáveis admiradores pelo globo, enriquecendo assim o espaço que a literatura romena – imerecidamente pouco conhecida – ocupa no cenário mundial.

Sua obra literária, bem como a trágica biografia que a permeia, serviu de base ao denso e poético longa-metragem *Corações cicatrizados* (Radu Jude, 2016), vencedor do prêmio especial do júri do Festival Internacional de Cinema de Locarno. O diretor inseriu no filme elementos contextuais da Romênia direitista e antisemita do período entreguerras, que não são evidentes nem relevantes na escrita de Blecher, mais afeita a uma marginalidade múltipla, a marginalidade do doente confinado, do judeu em minoria num país cristão ortodoxo, do europeu oriental fustigado pelo preconceito do restante da Europa em relação ao atraso socioeconômico do leste.

O modernismo embrionário transpirado pelo *Zeitgeist* do entreguerras se faz sentir nesta seleção de textos esparsos, já parcialmente publicados no Brasil<sup>16</sup> e que atestam o parentesco vanguardista de Blecher com seus conterrâneos. Vale lembrar que a vanguarda modernista europeia, aquartelada em especial em Paris e Zurique, de onde emitiu seus mais estridentes ecos – a ponto de inspirar a Semana de Arte Moderna e o antropofagis-

---

<sup>15</sup> Max Blecher. *Opere*. Bucareste: Academia Română, 2017.

<sup>16</sup> Max Blecher. “Berck, a cidade dos malditos”. “Don Jazz”. “Joãozinho Cubinho”. Trad. Fernando Klabin. (n.t.) *Revista Literária em Tradução* 10, Florianópolis, 2015.

mo no Brasil<sup>17</sup> –, tem nos artistas e intelectuais romenos uma fonte crucial.

É à luz desse parentesco, da múltipla marginalidade, do que ainda nos poderia ter sido legado, bem como à luz outonal da pacata cidadezinha do interior romeno, que sugerimos a leitura dos contos incluídos neste volume, o testemunho de um espírito lúdico e inconformado no qual luzes feéricas e sombras se mesclam alucinantes rumo ao fim próximo, meteoro que refulge ao se desintegrar na atmosfera.

---

<sup>17</sup> Ver Gilberto Mendonça Teles. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1972.

MAX BLECHER (1909-1938) é um daqueles autores singulares que não suportam bem rótulo nenhum. Considerado alternadamente vanguardista, surrealista, modernista, intimista ou escritor de prosa fantástica, Blecher constitui, no conjunto da literatura romena, um fenômeno realmente único. Nascido no interior da Romênia em uma família judaica, burguesa e assimilada, ainda muito jovem teve de interromper seus incipientes estudos de medicina, na França, ao ser diagnosticado com tuberculose óssea, doença que o confinou ao leito pelo resto da vida. Isso não o impediu de criar, atualizar-se quanto às tendências culturais europeias e manter rica correspondência com intelectuais franceses e romenos. Embora tenha sido interrompida tão precocemente, assim como sua vida, a obra literária de Blecher reflete a lógica de suas últimas palavras: “Em 29 anos, vivi mais do que outras pessoas em 100”.

**/// col. MAD MAX ///**

**MAX BLECHER**

**DON JAZZ E OUTRAS ESTÓRIAS**